

## TURBULÊNCIA GLOBAL

# Programa de investimentos pode receber injeção de R\$ 15 bi

Dinheiro virá da redução do superávit primário equivalente a 4,3% do PIB para 3,8%

Lu Aiko Otta  
BRASÍLIA

O governo já tem a estratégia para proteger o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da crise econômica mundial em 2009: reduzir o superávit primário para 3,8% do Produto Interno Bruto (PIB), em vez de 4,3%, como tem feito este ano. Com isso, serão liberados cerca de R\$ 15 bilhões extras.

Se isso não for suficiente, haverá cortes no Orçamento, a começar pelos R\$ 20 bilhões em investimentos que não integram o PAC e pelos projetos incluídos por emendas parlamentares. O governo ainda pode renegociar acordos de reajuste dos servidores. "O último é cortarmos o PAC e os programas sociais", disse o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo.

Preservar o PAC é a ordem do presidente Lula. Uma olhada no 5º balanço do programa, divulgado ontem, dá uma idéia do porquê. Obras de vulto, como o Arco Rodoviário do Rio de Janeiro e a integração de bacias do Vale do São Francisco serão entregues à população no ano eleitoral de 2010.

O PAC foi escolhido pelo governo para evitar uma grande queda da expansão econômica durante a crise. "O PAC tem um nítido caráter anticíclico", disse ontem a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. "Ele funciona como um fator que faz com que não se perca a agenda do crescimento e do desenvolvimento econômico."

Segundo Dilma, esse caráter anticíclico se dá não só pelos investimentos do governo, mas também pela sinalização que o PAC dá ao setor privado. Só a parte do PAC executada com dinheiro do Orçamento, sem contar estatais, bancos oficiais e empresas privadas, é de R\$ 25 bilhões no ano que vem.

"Não acredito na possibilidade de uma crise afetar o PAC porque não acredito numa desaceleração profunda", disse Dilma. Ela acha que a arrecadação federal não terá uma queda brusca em 2009. Além disso, ressaltou que boa parte do PAC é privada. "O setor privado continua interessado porque a maioria dos projetos é de alta lucratividade", disse. Um exemplo citado por ela foi o leilão de concessão de rodovias paulistas, realizado na véspera, com sucesso.

A ministra afirmou ainda que a crise de liquidez não tem prejudicado o financiamento das obras do PAC. De fato, os projetos já contratados estão em andamento, como confirmaram os presidentes da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Paulo Safady Simão, e da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib), Paulo Godoy.

Isso, porém, não quer dizer que a infra-estrutura seja imune à crise. Embora os financiamentos do BNDES e da Caixa Econômica Federal tenham tranquilizado os empresários, eles não resolvem todo o problema. Segundo Godoy, o BNDES financia de 60% a 80% dos projetos e tem sido difícil arranjar o resto, pois o crédito, embora exista, está caro.

A Abdib propôs ao governo a criação de um fundo de R\$ 10 bilhões para a infra-estrutura,



"FICOU MUITO BEM, DILMINHA!" - Dilma e seu novo penteado, que foi elogiado por Paulo Bernardo; "Obrigada, Paulinho", respondeu

## No Planalto, entra em cena 'Dilminha, paz e amor'

Ministra exibe novo penteado e não economiza sorrisos

A crise financeira pouco alterou o discurso otimista do governo. O 5º balanço sobre as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), ontem no Palácio do Planalto, repetiu projeções positivas e até a estimativa de crescimento de 4,5% do PIB em 2009. As únicas mudanças visíveis foram o visual e o comportamento da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. Saiu o "Dilmão", como ela é chamada por técnicos irritados do governo, e entrou em cena a "Dilminha". "A ministra veio hoje com um novo estilo de penteado, com certeza todos repararam, e essa jaqueta primavera", comentou em público o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo. "Ficou muito bem, Dilminha!"

Fora dos holofotes desde o agravamento da crise financeira, a pré-candidata do PT à sucessão de 2010 deixou claro que estava le-

vando a sério as lições dos marqueteiros. "Obrigada, Paulinho", respondeu. Era a volta da ministra a eventos no Planalto depois de uma série de viagens para ajudar, sem sucesso, petistas que disputaram o segundo turno em capitais como Porto Alegre (Maria do Rosário) e Salvador (Walter Pinheiro).

Quem também teve tratamento diferente na solenidade de ontem foi o técnico que exibiu as projeções no telão. Durante duas horas de apresentação de planilhas e dados do PAC, Dilma em nenhum momento deu alfinetadas no técnico nem repreendeu colegas ministros, como costumava fazer anteriormente. A ministra na versão "Dilminha, paz e amor", como ironizaram assessores do governo, fez uma palestra pausada e demonstrou paciência inclusive para explicar jargões técnicos.

Ela não economizou sorrisos, gentilezas e palavras no diminutivo. "Por favor, dê uma rodadinha", disse ao pedir a troca de projeções na

tela. A ministra só não cedeu no tempo. Passou duas horas explicando números e apresentando tabelas. Os ministros José Antonio Toffoli (Advocacia Geral da União), Pedro Brito (Portos), Paulo Bernardo (Planejamento) e Geddel Vieira Lima (Integração) não agüentaram e deram escapulidas para bater papo enquanto Dilma continuava a falar.

### Dilma esbanja gentilezas e palavras no diminutivo

O novo estilo da ministra surtiu efeito num setor em específico. O presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Paulo Simão, chegou à solenidade com críticas à postura do governo em relação ao setor. Ao vê-lo na platéia, Dilma o chamou de "grande parceiro" e fez elogios públicos ao empresário. Logo depois, Simões

deu entrevistas mais brandas.

Só em um momento a ministra deixou de lado as lições dos marqueteiros. Foi quando um repórter comentou que as obras do PAC tinham sido atingidas pela crise. Ela deu uma gargalhada, visivelmente irritada. Depois, tomou um copo de água e tentou dar uma outra versão, esbanjando otimismo e uma simpatia que nem mesmo pessoas mais próximas tinham visto. Chegou a demonstrar humildade ao falar das obras paralisadas dos aeroportos. "Não escondemos que esse problema existe", disse.

Na saída do Salão Lesse do Palácio do Planalto, onde foi apresentado o balanço do PAC, Dilma voltou a sorrir. Em vez de rebater perguntas, como fazia antes, dava um sorriso e negava se limitando a gestos de mãos e boca. Não quis comentar sobre uma declaração do senador Sérgio Guerra (PSDB-PE), de que o governo não iria eleger "um poste" e se ainda era candidata à Presidência mesmo com a crise financeira. Só sorriu. ●

Leonencio Nossa  
BRASÍLIA

rá ao fim do ano sem cumprir a meta de levar eletricidade a 2 milhões de moradias. "Faltarão 4% da meta, que concluiremos em fevereiro, com dois meses de atraso", admitiu Dilma. ●

estadao.com.br  
Veja especial sobre o PAC  
www.estadao.com.br/e/h3

## Superávit primário é o mais alto desde 1994

Sérgio Gobetti  
BRASÍLIA

O superávit primário do governo central ainda não foi afetado pela crise e atingiu em setembro um recorde: o valor acumulado em 2008 chega a R\$ 80,8 bilhões ou 3,81% do Produto Interno Bruto (PIB). Esse é o melhor resultado para o período desde o início do Plano Real.

Apesar dessa expressiva economia, o volume de investimentos, R\$ 18,2 bilhões entre janeiro e setembro, é o mais elevado já registrado para o período, com crescimento de 46% em relação a 2007.

"Há uma mudança na qualidade da despesa pública, lenta mas expressiva", disse o secretário do Tesouro Nacional, Arno Augustin, ao divulgar os resultados fiscais do mês.

Uma série de fatores coincidentemente positivos ajudam a explicar esse resultado: em primeiro lugar, as receitas continuam crescendo bem acima do valor nominal do PIB, com alta de 18,4% no ano; em segundo lugar, o conjunto das despesas cresce um pouco abaixo do mesmo PIB (11% contra 12,8%); em terceiro lugar, os reajustes recentemente concedidos aos servidores ainda não surtiram efeito sobre as contas públicas; e, por último, o déficit da Previdência está caindo.

Em resumo, apesar de todos os sinais expansionistas da política fiscal, nos nove primeiros meses do ano ela ainda mantém um caráter contracionista, que atua no sentido de frear a demanda agregada. O aspecto mais positivo nesse resultado é que, ao contrário de anos anteriores, esse maior superávit primário não está ocorrendo às custas dos investimentos.

A maior expansão dos investimentos está ocorrendo com as obras do Ministério das Cidades, que pularam de R\$ 689,8 milhões em 2007 para R\$ 3,8 bilhões em 2008. Na educação, também houve crescimento significativo, de R\$ 898 milhões para R\$ 1,9 bilhão.

É provável que essa combinação de altos superávits e altos investimentos não se prolongue por muito tempo, tanto porque a crise — em maior ou menor grau — afetará as receitas, como porque as despesas de pessoal devem aumentar.

Além disso, o governo poderá reduzir o superávit para preservar o PAC (Plano de Aceleração do Crescimento).

Parte do governo, entretanto, tem vendido a idéia que vai continuar fazendo superávits fiscais elevados e ainda assim vai manter os investimentos em ritmo acelerado.

Ontem, por exemplo, o secretário Augustin disse que a meta de 4,3% do PIB para o setor público está, a princípio, mantida para 2009. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, também afirmou a mesma coisa há duas semanas, embora técnicos da equipe econômica considerem virtualmente impossível atingir um superávit de 4,3% com a economia desacelerando.

Além disso, segundo assessores de Mantega, a crise exigirá uma política anticíclica, ou seja, menor superávit, para estimular a demanda agregada. "O anticíclico é uma coisa que vamos avaliar mais à frente", disse o secretário. "Tivemos muita volatilidade neste mês de outubro e este não é o melhor momento para projetarmos cenários." ●

Uma razão de solidez: o HSBC foi avaliado como o maior banco do mundo pela revista inglesa The Banker.

Para oportunidades de investimentos:

- ▶ acesse [hsbcinvestimentos.com.br](http://hsbcinvestimentos.com.br)
- ▶ ligue 4004-5947\* ou 0800 722 5947\*\*
- ▶ visite uma de nossas agências

HSBC  
No Brasil e no mundo, HSBC